



## RELATÓRIO FINAL

[Álvaro Siza\_objeto | promenade architecturale]  
\_elementos circunstanciais

Este texto tem como objetivo dar resposta ao exercício proposto no âmbito da unidade curricular Estudos Críticos de Álvaro Siza. Nesse sentido, este relatório tenta explicar as abordagens efetuadas e qual o seu critério, tendo em conta os resultados pedagógicos do estudo realizado.

Este estudo tem como objetivo o levantamento das temáticas-problema passíveis de uma abordagem cuidada e que se refere, em exclusivo, à obra do arquiteto Álvaro Siza através da discussão promovida, tanto em sessões práticas como em discussões no âmbito do grupo de trabalho.

No que concerne à escolha do caso de estudo, *promenade architecturale*, foi considerada a evidente importância que o sistema de percursos toma nas suas obras apoiado na introdução de elementos circunstâncias que os contaminam sistematicamente.

O interesse pelo tema em causa corresponde à natural evidência de tais preocupações no complexo da Faculdade de Arquitetura da UP, onde o tema é explorado de forma clara pelo autor. Deste modo, foi testada, através do estudo de obras do autor a sua real pertinência.

Relativamente ao critério de seleção das obras escolhidas, foram enfatizadas aquelas (três das cinco) que fazem parte do início da carreira profissional do autor. Com isto, pretendeu-se dar maior atenção a um momento de particular importância profissional e na qual nos sentimos identificados. Deste modo, as obras selecionadas foram: três na cidade do Porto, a Piscina da Quinta da Conceição de (1958|61|66), o restaurante da Boa Nova (58|63) e o Museu Fundação Serralves 91|99, em Moledo do Minho a Casa Alves Costa (64|68) e em Lisboa a Estação de Metro do Chiado (92|98).

Por definição, entendemos a *promenade architecturale* como um percurso ou passeio composto por elementos arquitetónicos que o contaminam significativamente. Esta definição surge da decomposição dos termos, por um lado *promenade*, [do francês *promener* e do latin *prominare*] que significa passeio ou passeio público<sup>1</sup>; e *architecturale*<sup>2</sup>, como o próprio nome indica arquitetural. Na sua fusão obtém-se o termo *passeio arquitetural*.

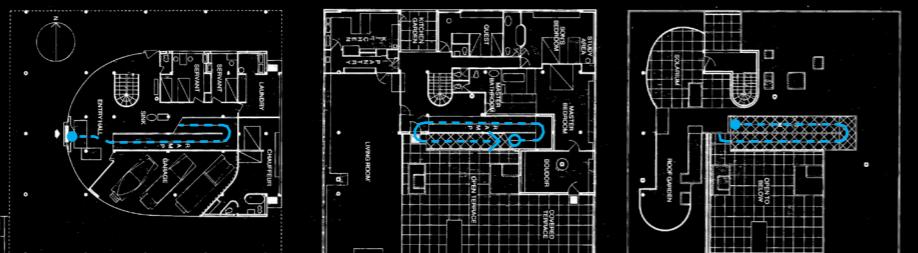
O passeio arquitetural, no âmbito do estudo efetuado, resulta da caracterização qualitativa do passeio|percurso em causa. Neste caso, consideramos, apesar da utilização de critérios subjetivos, que tal tema deveria ser incluído num estudo mais cuidado sobre as reais valências de um investimento deste tipo, tendo em conta a qualidade arquitetónica que a obra do autor reflete.

Na construção do problema fomos confrontados com a incapacidade de objetivação sobre o que de facto significa tal aproximação temática. Na tentativa consideramos que o investimento no sistema de percursos é um facto e que este estudo pretende evidenciar qual a sua importância através do levantamento dos elementos circunstanciais pensados -ou não- para o efeito. Desta forma, consideramos um passeio arquitetural aquele que possui investimento evidente e elementos arquitetónicos relevantes na qualificação de um percurso específico que neste estudo se revê nos espaços que antecedem o objeto arquitetónico.

\* \* \*

Na piscina da Quinta da Conceição, projeto desenvolvido entre 55|58 na qualidade de colaborador do arquiteto Fernando Távora e envolvido no Plano Geral da Quinta e depois entre 61|68 fruto da paragem da obra por falta de financiamento<sup>3</sup>, foi aproveitado um antigo tanque de rega à cota mais alta da quinta adequando os seus volumes em três solários respeitando a topografia do terreno<sup>4</sup>. Na implantação, importa salientar o investimento evidente no percurso de acesso ao programa principal no distanciamento deste dos percursos do parque público.

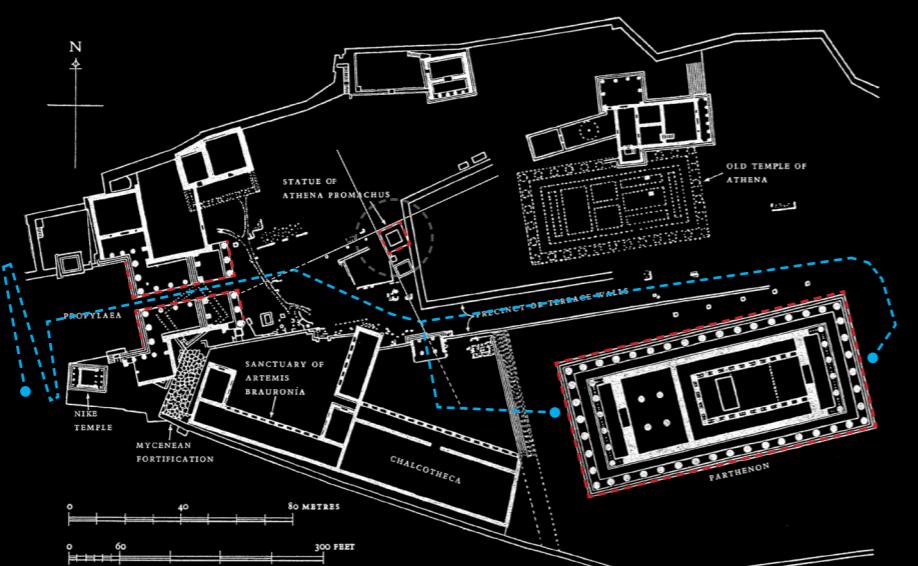
Esta aparente negação do programa da piscina aos percursos que o servem encontra-se explorado no desenho dos percursos que antecedem a sua entrada. Assim observam-se, na plataforma de transição, elementos arquitetónicos que



Le Corbusier\_Villa Savoye\_1928

um dos exemplos de referência no que concerne à *promenade architecturale*. Denote-se a posição estratégica da rampa de acesso na distribuição e simultaneamente na contaminação dos diferentes espaços da habitação.

<http://www.google.pt/imgres?q=villa+savoye+plans...>  
acedido em 090310Fev2012.



Acrópole de Atenas e o percurso de acesso até o Parthenon (*promenade architecturale*)\_veja-se a importância que a estátua de Atena assume no direcionamento do percurso pretendido até ao edifício simbólico.

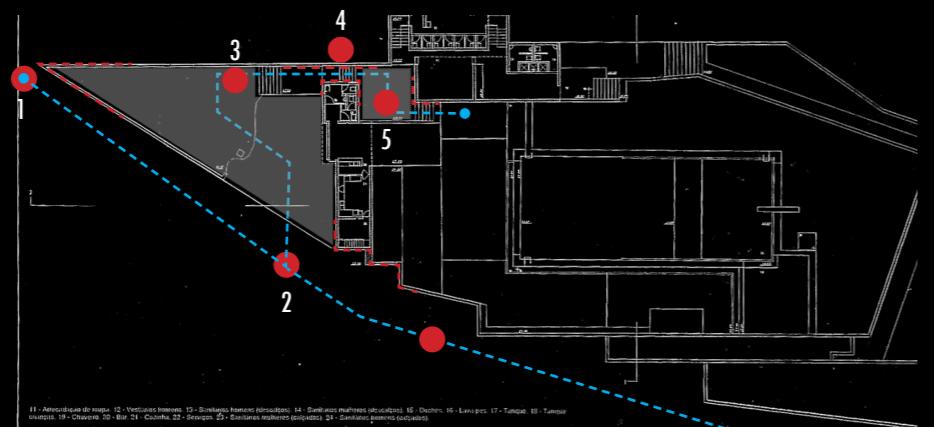
<http://libsrv.skidmore.edu/REDSKID/full/23161.jpg>  
acedido em 090310Fev2012.

<sup>1</sup> Moraes, Armando (org.). *Dicionário Inglês-Português*. 1ª Edição. Porto. Porto Editora.

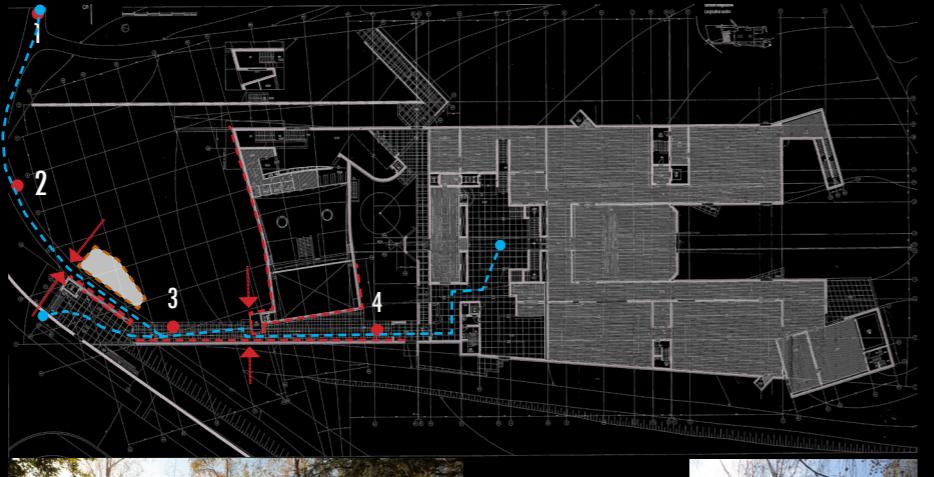
<sup>2</sup> Em <http://www.infopedia.pt/frances-portugues/architecturale>, acedido em 112315FEV12.

<sup>3</sup> Siza, Álvaro. <<Quinta da Conceição>>. Em Siza Viera, Á. & Moraes, C.C., 2009. 01 textos, Porto: Civilização ed. pág. 283

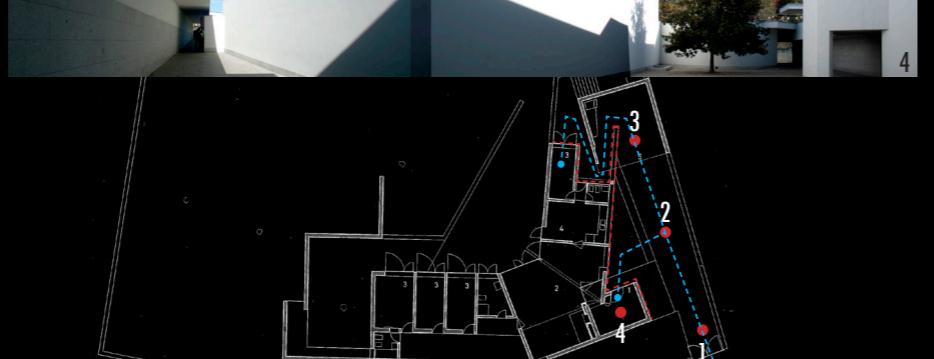
<sup>4</sup> *Ibidem*, p.283.



Álvaro Siza, Piscina da Quinta da Conceição\_55 | 58 | 61 | 68  
ganha evidência o solário de entrada, marcadão pela adequação dos volumes e plataformas à topografia como também à criação do percurso de entrada. Estrangulamentos, aberturas e pátiostos marcam o percurso desde o parque público até à piscina. Os elementos circunstanciais que desenham a contenção dos diferentes espaços resultam da volumetria afecta aos programas que servem o principal, a piscina.



Álvaro Siza, Piscina da Quinta da ConceiçãoMuseu da Fundação Serralves\_91 | 99  
veja-se a importância do volume do auditório e a sua bilheteira na definição dos espaços de transição até à entrada principal do edifício.



Álvaro Siza, Casa Alves Costa\_62 | 68



o qualificam resultantes da volumetria afecta aos programas secundários da piscina. De modo discreto, tais volumes desenham os espaços de transição como também contaminam o percurso de acesso, constituindo assim, um caso de percurso arquitetural.

Dos casos mais exemplares estudados temos o Museu da Fundação Serralves no Porto. O projeto para a fundação revela, nos espaços que antecedem à entrada, elementos arquitetónicos que qualificam de forma propositada o percurso de acesso.

O percurso, estudo no âmbito do exercício proposto, inicia no jardim de serralves e prolonga-se até à entrada principal sendo intercetado pela entrada direta da Av. Marechal Gomes da Costa. Este percurso, encontra-se sucessivamente marcado por elementos arquitetónicos de volumetria assinalável sendo que, o volume destinado ao Auditório, na sua relação com o percurso, assume particular evidência.

Deste modo, tais elementos de destaque proporcionam espaços de transição e paragem no decorrer do percurso. A loja, que no projeto publicado na revista El Croquis não se encontrava desenhada, vem proporcionar ao percurso jardim|museu um primeiro momento de entrada e de transição entre o parque e o edifício, absorvendo, por outro lado, a entrada direta desde o espaço público. Aqui, o longo percurso coberto direciona os utilizadores provenientes dos acessos através da sua extensa rampa, pelo primeiro espaço de transição entre a loja e o volume do auditório.

Este primeiro espaço de transição, delimitado pelo volume do auditório, loja, extensa rampa e a massa arbórea, encontra no decorrer do mesmo a interceção do volume da bilheteira fechando os seus limites. Neste contexto, o volume da bilheteira assume particular importância na definição dos dois espaços de transição que antecedem a entrada do museu.

Ao contrário do primeiro, na qual ainda podem ser observados os elementos de massa arbórea pertencentes ao jardim de serralves, no segundo espaço de transição evidencia-se o pátio de entrada do museu delimitado pela fachada, volume do auditório e pelo volume de ligação a estes. Desta modo, se encontra materializada a diferenciação entre dois espaços que, apesar de ligados por um mesmo percurso, ganham significados completamente diferentes. Se por um lado, o primeiro encontra limites na preexistência e no volume proposto, o segundo encontra os seus na exclusividade do edifício principal e nos elementos que o constituem.

Este parece ser, no âmbito do exercício proposto, um dos exemplos mais relevantes no que ao passeio arquitetural diz respeito.

Na Casa Alves Costa em Moledo do Minho, constata-se a mesma preocupação, sendo que a sua materialização, no nosso entender, resulta de forma forçada. A negação do espaço público através do direcionamento do programa para o interior do loteamento encontra-se reforçada no desenho do percurso de entrada até à porta principal. No contexto do estudo, considera-se forçado o elemento que intervém de forma singular, ao contrário da piscina da Quinta da Conceição, é o extenso muro que penetra pelo interior do espaço de garagem. O muro, que por sua vez divide a entrada principal da de serviço garante a direção da entrada principal, voltando-a assim do espaço público.

Esta opção, resultando da estratégia para o programa principal, não constitui um exemplo semelhante ao da piscina devido à forçosa relação entre o muro que intercede no espaço da garagem na valorização excessiva do percurso labiríntico entre este espaço e a entrada de serviço. O aspecto a salientar, no âmbito deste estudo, prende-se com a solução apresentada para o espaço de entrada na relação com o plano extenso que intercede no espaço de garagem, sendo que para a sua abordagem o utilizador é obrigado a rodar 90° no espaço de transição. Deste modo, o plano na relação com o percurso, pelas razões acima descritas, não poderá ser visto como um exemplo taxativo de passeio arquitetural.

No restaurante da Boa Nova, encontram-se presentes os princípios evidenciados nas obras estudadas anteriormente. Nesta obra, resulta evidente o investimento efetuado na adequação do volume e o seu percurso à topografia existente, sendo que ambos já teriam sido pensados pelo arquiteto Fernando Távora<sup>5</sup>. Apesar de tudo, importa salientar a materialização de tais pretensões

5\_Siza, Álvaro. <<Restaurante junto ao mar, Boa Nova>>. Em Siza Viera, Á. & Morais, C.C., 2009. 01 textos, Porto: Civilização ed. pág. 17

6\_Frampton, K., 1985. Modern architecture a critical history 2nd ed. revised and enlarged., London: Thames and Hudson. pág.385

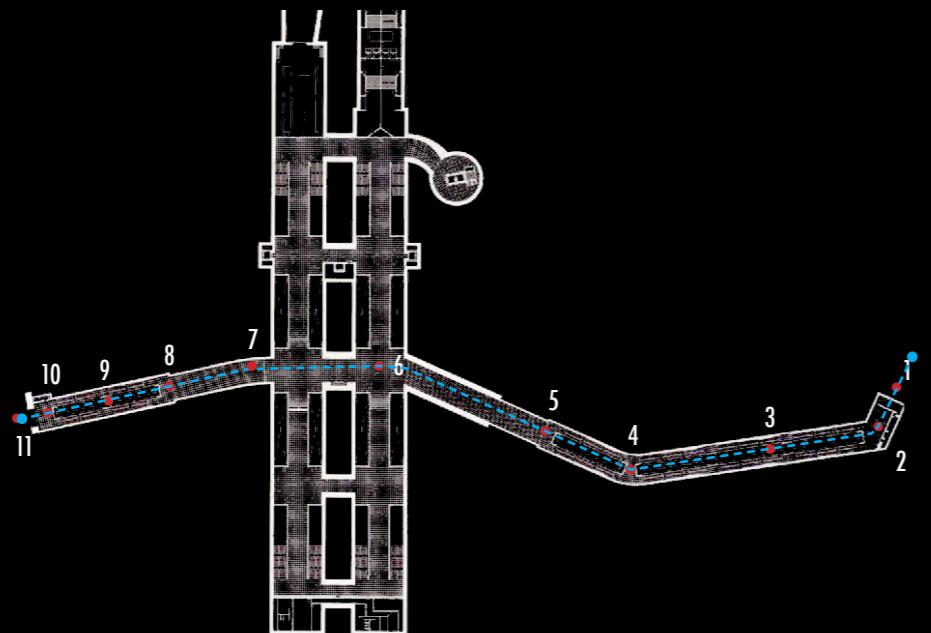
7\_Siza, Álvaro. <<A propósito de um edifício...>>. Em Siza Viera, Á. & Morais, C.C., 2009. 01 textos, Porto: Civilização ed. pág. 16

8\_Ibidem, pág. 15.



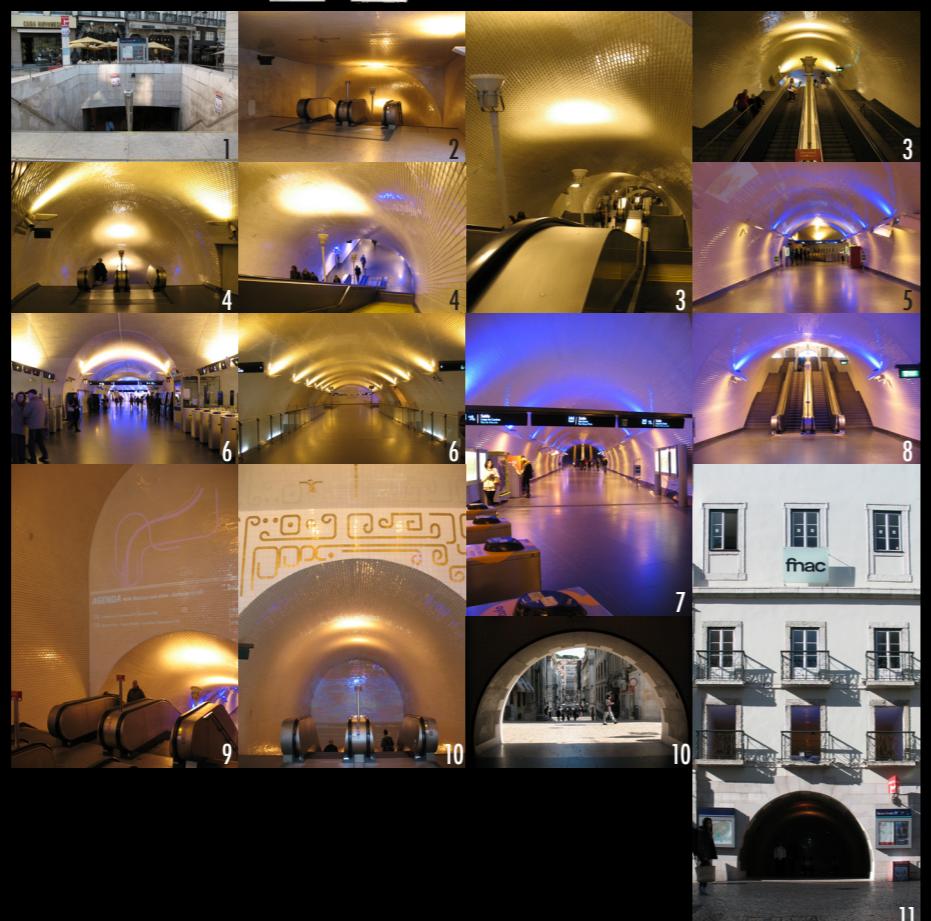
Álvaro Siza, Restaurante da Boa Nova, 58 | 63 e a Cidade de Delphos\_Grécia Antiga.

Observam-se os percursos de acesso que antecedem o objeto arquitetónico, epílogo do passeio arquitetural.



Álvaro Siza, Estação de Metro do Chiado, 92 | 98

com outras preocupações, denota-se o investimento na qualificação do percurso no abobadamento e o seu revestimento (azulejo), iluminação indireta e a criação de plataforma (apesar de regulamentares) no decorrer do percurso.



no contexto do projeto finalizado.

Na Boa Nova constata-se a geometrização do terreno na criação do percurso que antecede o edifício. Ao contrário das piscinas da Quinta, na qual os espaços que antecedem o edifício encontram-se delimitados por uma densa massa arbórea, na Boa Nova encontramos um imenso espaço descoberto suscetível de adequação à escala do volume principal e do seu acesso.

De execução cuidada, devido às características tanto do programa como do espaço envolvente, o autor recorre a elementos arquitetónicos que promovem o controlo visual. Neste aspecto, a criação de uma plataforma intermédia, entre a cota do espaço público e a entrada principal, permite a introdução de elementos arquitetónicos de transição entre elas. Os elementos arquitetónicos em causa, devido à sua necessária elevação, promovem o corte visual com o espaço envolvente. Assim, o percurso é alvo de direcionamentos precisos e que se revelam pertinentes na adequação da aproximação ao edifício.

Este caso, apesar do programa principal do edifício não constituir parte integrante do percurso fisicamente, a sua presença revela-se o epílogo de um passeio que se inicia na marginal de Leça da Palmeira e que se encontra desenhado pelas plataformas de controlo visual que a antecedem.

Na estação de metro do Chiado em Lisboa, o programa, a ligação de dois pontos na cidade de Lisboa através da estação e a sua materialização evidenciam a preocupação na qualificação do percurso em causa.

Com outras prioridades e resultando da especificidade do programa principal a resolver, o autor procura através da estabilização de diferentes plataformas, atenuar o forte sentido descendente que, fruto das adversidades topográficas, caracterizam a obra. Estas plataformas, evidenciam-se pelo investimento efetuado na qualificação dos seus tectos, através do seu abobadamento, a iluminação indireta que ritma e contamina o percurso, e na atenção evidenciada à pormenorização.

Atendendo às dificuldades e à especificidade do programa, entendemos tratar-se de um caso de passeio arquitetural segundo outros critérios. Não existem elementos arquitetónicos de particular evidência, no entanto, existe, por outro lado, a qualificação de um percurso público através da sensibilidade evidenciada no tratamento das plataformas e na adequação de cada uma delas aos espaços que compõem o percurso.

\*

Com isto, o passeio arquitetural aparece evidenciado em cada uma das obras escolhidas para o efeito, sendo que a sua importância resulta por vezes definida por questões programáticas, de implantação ou de resposta de caráter técnico, como por exemplo no Chiado. Deste modo, constata-se a persistência no investimento qualitativo dos percursos em causa sendo que, este estudo, ao abranger um número muito reduzido de obras, não permite estabelecer conclusões taxativas de qualquer tipo.

É uma evidência e em complementaridade, no desenho dos espaços estudados, evidenciamos o cuidado na implantação dos objetos arquitetónicos à sua topografia, no equilíbrio entre a expressão dos seus volumes e a sua racionalidade no que se refere à geometrização dos mesmos na adequação aos espaços que definem. Uma promiscuidade entre os elementos que caracterizam uma arquitetura local, através dos materiais, artesanato, e a presença dos modelos internacionais, na racionalidade e técnicas modernas. Este estudo promoveu, contudo, a observação de uma abordagem tátil e tetónica, mais que visual e gráfica<sup>6</sup> e que materializam os *organismos* que foram desenvolvidos pelo autor em causa. Organismos que resultam de um processo que culmina na síntese de todas as contribuições, "verificada a justeza de cada uma"<sup>7</sup>. Organismos que, "tal como depende da adaptação dos órgãos às suas respetivas funções"<sup>8</sup>, merece uma leitura cuidada e atenciosa no que concerne ao relacionamento entre as partes que simbolizam, no âmbito do exercício, o estudo da importância do processo de aproximação ao objeto como parte integrante do *organismo*, porque criticar uma obra pelo seu aspetto exterior "é como saborear uma maçã pela cor da pele".